

Turbinagem?

Maria Inês Rocha de Sá



Imagem: Frank e Ernest. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro em 06/07/2000.

“**N**ovas tecnologias educacionais”, “tecnologias informacionais”, “máquinas inteligentes” são codinomes que, no campo da educação, referem-se, a um só tempo, à incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas escolas, nas políticas educacionais e, por conseguinte, por parte de alunos e professores.

Qual professor ainda não viveu a instalação de um laboratório de informática na escola ou a implementação da disciplina “novas tecnologias e educação” na universidade ou ainda, não fez (ou fez) um curso de capacitação em “tecnologias educacionais”? Não discutimos mais se as tecnologias impulsionam ou não uma prática pedagógica sobre bases diferenciadas das anteriores. Elas impulsionam. Não apenas no processo da comunicação rápida, que diminui distâncias (impensáveis sem estes instrumentos), mas, especialmente, nas alterações provocadas no processo de desenvolvimento do aprendizado dos alunos, na formação e no trabalho docente.

As múltiplas relações entre as inovações tecnológicas e as práticas educativas redefinem os vínculos (nível macro) da educação com projetos de desenvolvimento econômico, social e político, e de reformulações (nível

micro) de novos conhecimentos e aprendizagens, habilidades e aportes didático-pedagógicos. Sim, estão postas. Para todos igualmente? Democraticamente? Penso que não. Nesse sentido, Barreto (2008) aponta a necessidade de se discutir "a representação das TIC no centro de qualquer proposta de 'democratização' do conhecimento, a ponto de sua simples presença poder ser identificada a uma *revolução educacional*".

Pensar a existência de uma "revolução educacional" me provoca pensar a imagem da *charge* acima. A imagem da existência de um *menino-computador* que não consegue "ler" o que a *professora-giz* lhe escreve.

Zuin (2009) ao relacionar memória, internet e "aprendizagem turbinada" nos instiga a refletir sobre o quanto estamos cada vez mais vivendo numa linguagem de "maquinais": linkar, deletar, conectar. Esquecemos que tais vocábulos pertencem à máquina e não a nós. Parece que estamos num processo de "coisificação" e somos todos tecnologizados. E ele conclui: quem não se conecta é um estranho.

Segundo o autor, em tempos de aparelhos microeletrônicos, os computadores não se restringem mais à esfera do trabalho. Eles nos capitaneiam para um vício em drogas audiovisuais: há TV's e computadores em todos os lugares, bares, restaurantes, consultórios e até mesmo elevadores. Hoje há uma espécie de "não-existência viva" para aqueles que não se conectam, para aqueles que não possuem a presença eletrônica em suas vidas. Nessa avalanche da microeletrônica, a aprendizagem tornou-se "turbo", o cérebro precisa ser "turbinado" diante da necessidade do conhecimento veloz e do aumento da capacidade de memorizar.



Adaptação: Ma. Inês Rocha de Sá, nov/2009

Na segunda imagem, a *professora-giz* parece ser uma estranha e se sente estranha diante do *menino-computador*. Por quê? Por que nos sentimos

estranhos quando não lemos nossos e-mails todos os dias ou esquecemos o celular em casa ou ainda, deixamos de assistir TV? Para Zuin, cabe ao professor fazer o aluno “parar para pensar” e, complementa, os conteúdos precisam ser ressignificados na vida dos alunos, para não correremos o risco de um “arremedo de formação legitimada”.

REFERÊNCIAS:

- BARRETO, Raquel Goulart. ENSINAR E APRENDER NA “SOCIEDADE GLOBAL DA INFORMAÇÃO”. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), 2008.
- ZUIN, Antonio. Palestra proferida no PROPED/UERJ – Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação, em 17 de setembro de 2009.

sobre o(a) autor(a):

Doutoranda PROPED/UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação